

VONTADES PRECÁRIAS

Livro 42

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



INCÓGNITAS

Dá-me pronto, já não me basta a espera nem a promessa, perdi os anos, já não encontro a paciência, quero respostas ligeiras, contundentes, quero palavras sobrecarregadas de humanidades, oportunas para minha solidão, quero afagos que cicatrizem a fragilidade aberta, que animem a fraternidade que se faz finita e amparem o esquecimento. Imploro o apego sem códigos, quero um beijo verdadeiro, um sorriso que fique e acabe a urgência, traga a paz em vida e adie a próxima ruína exilando-a ao nada.



AMEAÇO

Reconheço não ser franco quando ameaço uma partida, durante a qual deixo a âncora. Aos gritos insistentes, espero algum pedido para a permanência. Fico no lugar que posso, o único recurso que ensaio sobre idas e vindas nestas chegadas e saídas.

ESTRANHO SUAVEMENTE

Torno melodiosa a suavidade com que te estranho, dirijo minha melancolia fazendo de conta que ela é natural, como se fosse sucessora do amor vivido, aprendido, antítese do efêmero. Cadências suaves brotam dentro de mim. Faço-me principal convidado da festa à vida que faz menção às memórias, aos acertos, aos encontros, aos devaneios. Tal trântita marca os olhos, arranca palavras dos livros, tira a cor das pinturas, depara-se com o belo, se extasia com o inominável que restitui a vontade, o louvor e a procura da história que todas as lembranças guardam.

Devo acostumar-me desde logo às ilusões e desilusões, às esperanças que se cansam diante das reiteradas decepções. A vida segue acalentando tristes dias, meneando letras, novos usos, palavras, críticas favoráveis, alguma literatura, poucos sorrisos, meneios que coincidem com o profundo e o supérfluo, dando sabor à mágoa e à surpresa. Agitado, trato de assuntos alheios, finjo interesse e aceitação, levo a cabo um reconhecimento que me fixa no meu lugar, nos meus interesses.

Enfim só.

VANGUARDA

Tudo o que encerra a vida guarda o passado fresco, reafirma o presente e retarda o futuro para não se perder na pressa. Decreto greve aos relógios, seguro os ponteiros para que se congelem os olhos que olham fundo e suavemente para o melhor. Procuo um olhar alegre, lançador de alegrias, busco algum olho próprio e adequado para repousar e aterrissar suavemente, criativo, forte, desafiador e definitivamente amoroso. Busco amenidades que socializem em mim uma rede de confianças e afirmações. Que sejam um golpe contra a traição, que definitivamente confirmem que é possível confiar. A ética e o desejo não estão à venda. Busco a delicadeza com que o amor expressa a bondade coletivizada.

CONHEÇO CAPRICHOS

Conheço os caprichos de quem despreza, capaz de inquirir, busco fontes para servir por extensão. Já automatizei meus gestos pensando encobrir meus atos, tornei-me semelhante ao autômato que me copia. Busco minhas fontes entre cedros e trigos ancestrais sem poder responder à idade do pai eterno. Agora que me acho descoberto e sem defesa, me aventuro na certeza de que posso nutrir meus sonhos para ir alimentando verdades que só eu sei onde se escondem.

Agora sei que posso nutrir e ir durando sem me submeter a nenhum mando. Tenho um bem estar cada vez que confirmo não precisar vergar. Habituei-me a minha natureza, verto como as águas dos rios, subsidiado por uma cega confiança que me faz notar somente o que me interessa. Promovo tímida seleção, novas alegrias, dou as costas àqueles que, distraídos, desviam o destino, evitando a vida real.

ÁVIDO PELA VIDA

A vida sempre me apeteceu como um pedaço de pão ou um figo que desprende a gota do mel que o compõe. As emoções me saem pelos poros espontaneamente, sou capaz de despertar com a poesia na boca e dormir com todos os acordes dos adágios da vida.



SOLIDÃO ACOMPANHADA

Minhas amnésias estão cheias de recordações, minha solidão está acompanhada dos que me amaram, as imagens que guardo de meu passado sobram para preencher meu presente e meu futuro. O tempo não apaga o que quero recordar, eu é que me esqueço.

MEUS PASSOS

Meus passos mais curtos aumentam meu andar, ainda que minhas pernas já não repitam sua competência de outrora. Elas já me levaram a muitos lugares, a encontros, me afastaram de muita gente e me permitiram o atrevimento de pensar haver deixado de ser animal porque algum dia fiquei de pé.



EFÊMERAS FELICIDADES

A impossibilidade do convívio ensina-me subprodutos do viver, constrói supérfluas e efêmeras felicidades, convencendo-me de que algo da vida nasceu formado e não depende nem espera as mudanças que proponho. Muitos dos perdidos não fui eu quem os perdeu, nos desencontramos por aí, sem dar-nos conta dos caminhos divergentes, cada um pelo seu, seguindo sua viagem com um caminhar que alarga a demora e atrasa reencontros. Avanço por antigas direções, recorro a essa opção, que não me prepara surpresas.

MINHA ÚNICA VIDA

Seja algum riso, oh! minha esperança, seja uma armadura contra meu infinito desconsolo que se ajusta ao tamanho de minha infinita necessidade. Enquanto o tempo segue e passa sem ver as sendas que me convidam a caminhar, entra, oh! esperança, pelo meu presente, ilumina a minha vida, a única que tenho.



CÁLIDO ABRIGO

Retomo-me depois de longo tempo, sem enunciar. Desconcerto-me diante de certas presenças porque me acostumei a pensar só no que me renova. Iludido como criança feliz, vez por outra me reencontro, exaltando os ânimos quando meus conhecidos medos me permitem. Faça-me hóspede de mim mesmo, me acolho e me nino sem tomar conhecimento das disposições de amar, dos refúgios, da falta de presenças. Cada dia me redescubro mais desprevenido, tentando

confirmar alguma presença. Entre mim e o mundo quase que diariamente acontece uma transição entre ilusão e decepção. Retomo meus sonhos, um novo apaga descrenças, devolve-me uma fantasia calidamente passageira; ela guarda consigo o agasalho de que tanto necessito.



OS QUE ESCOLHEM O PIOR

Junto afetos relativos aos assuntos do desamor, sua promoção, multiplicação e solicitação. Indago solidões em profusão e devedoras companhias onde a afeição e a amizade se afundam no abismo da mútua má vontade. Entre os obrigados a fazer ou dar qualquer coisa, se preveem numerosas desistências. Promessas de cuidados não instalam legítimas harmonias. Há os que escolhem o pior, aqueles que superam a expectativa com atos deprimentes. Capazes de propiciar habituações, elevam o grau de imperfeição compatível com suas intenções. Propõem desafios,

perigos, pedem sacrifícios exigindo provas aos mais ingênuos que a eles se submetem. Nada dizem sobre seus costumes, ocultam quem são até quando seja possível. Dão impulso à estagnação do amor, abrindo passagem à evolução do desamor. Vivem com ímpetos eufóricos, congelam e condenam a felicidade ao momento. Usam os que se deixam corromper. Sabem convencer, descartar, livram-se dos outros tratando-os como objetos, vivem da satisfação de seus serviços.



PÔR A SALVO

Insisto, ponho os pés no chão, espontâneo o bastante para cravar na terra onde piso, deixar rastros, velar para que fique para sempre que por ali passei. Pisei com meus pés o orgulho que me tentou, tirei o pé da lama, meti os pés pelas mãos, pisei como animal, pisei forte, frágil, omitindo chegadas, saindo quieto, em silêncio, pisei levantando poeira, chutando a borda da cama, pisoteando o intolerável, pisando um ou outro

que tentasse me conter, pisando a água e afundando, pisando na lama e atolando, pisando no acelerador, pisei com e sem ferradura, pisoteei panos de chão, tapetes, pobres coitados, sombras, amores excessivamente disponíveis, pisei rápido e escondido, pisei trôpego e desequilibrado, pisei nos retratos, nos metais, na formidável beleza desprezada e no poema inconcluso, nas nacionalidades, nas origens, pisei com prazer na relva da praça principal e no desembarque de todos os países, pisei nos plásticos atirados na rua, nos restos de cigarros que já não são mais meus, no tapete que desenhava descuidos e no solo tórrido e sedento. Na lona do circo e na cartola do mágico que me abandonou na infância. No chão das tijoletas portuguesas da casa onde nasci e nos desenhos que faziam parte dos meus cálculos. Pisei verdadeiro, pisei imaginando, pisei para tornar mais claro que era homem, pisei tirando dúvidas. Sofrendo; pisei nos calos, com as unhas encravadas, com o sapato Clark e com o tênis Rainha; pisei para terminar, prescindir de serviços, e acabei deixando outras pisadas para ulteriores usos. Pisei no cimento que me abrigava a vontade inconclusa de jogar futebol. Pisei na recepção da sala que me abrigou, na cozinha que me alimentou, pisei nos canteiros da casa dos

meus pais. Pisei nas tristezas, no boletim do colégio, na culpa injusta. Muitos foram os lugares aonde pisei. Deixei alguns passos para quem se disponha a seguir caminhando comigo.



PROCUROOQUEEUSEIQUENÃOENCONTRAREI

Procuro o mel, misturo a trilha com o interesse de encontrar. Caminho para sair da tristeza plantada na minha inatividade. Coloco o próprio corpo à prova, inquieto e aflito, fingindo poder o mel encontrar. Vim para constar a intenção, para incluir novos hábitos, tornar declarada a alegria da procura e a espera do encontro. Assumo: irrecuperável, perdi a ocasião.

TE TIRO DA MINHA PELE

Te tiro da minha pele, resgato o que sobrou da minha alma, o usual seria ver que seria necessário um fim. Por que ferir a harmonia, praticar lições de malogro? Suportei os recursos, todos inúteis findo o ciclo, conduzido até o afastamento, desanimado com as penas de amor.



PARA QUANDO A HORA SEJA

Meu amor necessita encanto, mobilizações que o sustente porque ele busca triunfar na solidão, superar o cansaço pelo não vivido, afastar-se da ilusão que o desabita e convida a emudecer. Meu amor quer ter a proteção que lhe assegure abrigo em meio a tantas ameaças.

IMPRESSÕES

Atrevo-me a continuar cultivando o que foi; lembrar admite mais que esquecer. Dedico-me a ver se acho as impressões de outrora, despidas do ingênuo olhar, subtraídas às epidêmicas culpas. Tinha medo de descobrir a existência de qualquer coisa impossível de sustentar, como os compromissos com um amor inculcido de responsáveis pavores, obrigações desumanas.

Buscando minuciosas provas contrárias, encontrei que a poesia lida na alma dá condição de liberdade. Divididas e compartilhadas, as tristezas ficam passíveis de serem vencidas; as lesões não são definitivas. É preciso liquidar tudo e viver o possível.

PRONUNCIAMENTO

Quando lembro, me lembro de ti nostalgicamente. Esse amor fala como se estivesse aqui, sorrindo para mim. Não posso fechar o tempo, mas posso guardar este sonho dentro de mim, iluminar o amor que se planta Transformado em vida, respiro teu pensamento, tua existência, palpável, parceira, importante. Levo-te no pão, no ar, na pele. Tu diriges e aplicas a paz que estacionou em mim.



ANTIGO OFERECER

Nutro sustos, agonias e uma perigosa imaginação que espera e apela por abrigo. Cismas acessórias anulam a vontade de esgotar toda a natureza que brota em mim.

FALTAM PROMESSAS

Falta a promessa que não fiz, falta o assombro que me sobra, falta não acertar o passo e falecer no meio do caminho sem avisos, sem que se espere, sem que o saibam, e que todas as minhas tentativas suspendam as suficiências e o esperado. Onde me falte juízo, as probidades cobrirão com esforços a ruína.

Sendo eu tantos, me misturo em memórias e mergulho em negócios arriscados, a trocar sentimentos, a diminuir incômodos, a mostrar indiferença, a andar mais devagar, a esmorecer mais rápido, a tocar as relíquias e a renunciar menos.



SE É QUE POSSO

Talvez eu possa me purificar enquanto o coração me remete ao destino. Se é que posso saber-me tolerar, expulsar o medo da loucura, revelar às sombras o que está por ser revelado.

OS AFETOS TIDOS

Protejo o que entendo por apropriado: haver tido afetos, tudo o que fiz que, intacto, ficou fortalecido pela certeza da própria força. Diminui o tempo, o espaço, estreita-se a largura, limita-se a área, restringe-se minha voz, perco de vista o muito que eu já quis, não há nada novo, nada íntimo. Cada vez dou mais apoio à novidade que se reitera, mas faltam asas, não esquecer nem diminuir a intensidade, tornar eterno, evidenciar as reuniões, fazer aparecer, evocar o afeto vividamente autêntico, evoluído de nascença.

A naturalidade acende a exclusão. Resolvo interpretar bem o meu papel, ser autenticamente eu, uma espécie que não me cogito mas sou capaz de sentir; poder deixar de ser, então, o depósito que fui.

MANIFESTO

Subtraio-me na meia luz, pretendendo estagnar meu verdadeiro sentimento. Atravesso ligeiro o tempo que tenho, me confundo com as contra ordens do meu corpo que me estanca a pressa. Imploro por um consolo, aumento consideravelmente minha vontade de estacionar. Manifesto com ruído minha agônica paciência.

Contravindo, atravesso ligeiro para o outro lado, procuro fugir do perigo, não estou mais para ouvir silêncios, quero palavras, a alma posta na resposta, tornar mais ampla a extensão da indignação que me toca viver. Estimei que nunca tivesse que sofrer por ela.

DANO CALADO

Não devia, mas sigo escondendo minhas esperanças. Como não tenho mais o que esperar, resolvo tratar de mim, procuro algo que me dê um espanto atenuado. Vinha-me crescendo um dano calado, aquela cegueira misteriosa e absurda da paixão.

Converso com a prudência para saber onde se vive e o que não se deve dizer. Tirar as mágoas do corpo, deixá-las sair da memória, expulsar a lembrança, banir a palavra, esquecer o que posso.

Retiro-me, pois não há pedidos para fica. Mas se me estanco por qualquer motivo vulgar, capitulo.

MINHA AGONIA

Carrego comigo pequenas alegrias, risos menores, registro das redundantes transferências do que não tolero. Embargo as desistências; para que elas não se atrevam a ser palavras entrando revoltadas, torcendo-se agoniadas na declaração. O desconcerto não é por conta de quem o vive, senão por aqueles que sabem que ele é a única saída, onde o orgulho sofre uma curvatura e demonstra o espanto.

Quando desfaço o que não cabe em mim, nutro meu cisma, meu susto, minha agonia e a imaginação fria fica à espera de asilo.



TENTO E NÃO POSSO

Tenho uma perna mal comportada que insiste em não me obedecer, acaba-se o subterfúgio quando o repouso para meu mundo. Habitado por este tempo humano me associo ao declínio, essa vida dissoluta diariamente

parece propositalmente decidida a escravizar-me nessa realidade. Mesmo assim, saúdo essa união que tenho com a vida, destino a parte que me toca cultivar. Monitoro meus princípios, pratico técnicas para não exaurir as emoções que se espalham para restaurar as fontes na sua tarefa diária de reiteração.



FIEL AO AMOR

Meu coração canta quando sente novas vocações, se adapta a esta ordem universal que dispensa acessórios. Dirijo-me às árvores, aos pássaros, dou provas da evidência que dá graças à vida, que consente todos os proveitos que a Natureza dá.

RÉPLICA

Fortifico-me contra os reveses, vivo momentos insípidos sem emitir opinião, gemidos ou pareceres. Superar delitos exige coragem, um grande desejo de restauração. De qualquer modo a vida é problemática, é sempre difícil viver, mas existe algo que não seja difícil? Talvez seja o caso de desterrar os erros, plantar onde frutifiquem as obras que valham a pena e atrever-me a tentar transformar tudo aquilo que omiti. Guardo as mesmas atribuições ainda que eu seja uma réplica daquele que fui. Em muitos momentos apareço como uma espécie de sobrevivente, sento ao meu lado o ódio que sempre chega rápido, de onde menos o espero. Não hesita em blasfemar tentando assentar alicerces para estabelecer a dor e a desistência. Faz-se respeitar me corteja amavelmente para ver-me golpeado e desvalido. Com um valor mais que humano ganho uma dianteira suficiente para não ser alcançado de surpresa.

O QUE ME FALTA

Posso mencionar todas as fragilidades. Misturadas à vida e sofrimentos, às alegrias caminham na mesma direção, com vontade de sair adiante. Quando sofro uma dor suportável, me surpreendo ao sair dali sem padecimentos, ressuscitando admirável superação tirada do que aprendo. Dispenso desesperos, me afasto das contradições que não sei responder. Deixo em caução todos os meus segredos, delegados ao passado, a quem fiz fiel depositário.



INVENTO-ME

Vivos aos pedaços, inventando-me um egoísta enlouquecido ou criando uma lembrança que nunca aprendi a forjar. Essa mania de romper o silêncio quando cancelo o improvável, torna uma tentativa num feito. Aumenta minha dívida com aqueles a quem não aprendi a me dirigir, evidenciando meu despreparo para durar muito no seu círculo de interesses. Embora eu saiba que a vida negue espero manifestações. Suspeito estar inventando sinais, previsões.

MEU ÂNIMO

O destino que sempre associei à boa conduta tratou rapidamente de corrigir-me mostrando que os maus também têm êxito e bom final. Mas essa não é a hora de chorar, porque jamais poderei corrigir um modelo que me foi passado e que acreditei. Não tomasse essa consciência meu ânimo irado encontraria motivos para renunciar minhas crenças. Antes que me pusesse em perigo, me proibi essas vãs tentações, permitindo-me somente as maiores, aquelas que reverberem dentro de mim e não me deixem culpado. Quase transgressões, ocultamente preservadas as transporto dos meus desejos preservados intactos, mantenho a jovialidade e uma vontade de viver como se fosse dono da eternidade que pode durar uma hora ou um tempo qualquer.

AFLIÇÕES

As aflições que me habitam, tentam ser a razão de meu viver. Entendo-as como o motor de meus males presentes. Elas, como os conselhos, são incômodos invasivos, são cuidados postos fora de lugar, acabam sendo intromissões não solicitadas.



TANTAS LEMBRANÇAS

Frequentam-me todas as lembranças, elas entram pelos ouvidos, pelos olhos, pela boca, pelo intestino, atravessam meus poros, minha adolescência, normas, regras, valores, espelhos. Exaltado, me disponho a ordená-las. Conto as diversas vezes em que diferentes ausências e presenças me trouxeram sentido à vida .

TOLERAR

Quando perco minha capacidade de tolerar busco fazer a correlação entre algum preconceito e uma retificação do meu passado, acredito que em ambas estou incluído. A necessidade de revitalizar meu equilíbrio sustenta que exista alguma relação entre eles, daí vivo a minha vida querendo comprometer terceiros naquilo que acredito, pois a confiança é um processo que envolve outros sentimentos e representações.



TENHO TANTA MEMÓRIA

Tenho tantas memórias que não cabem dentro de mim, delego, alugo espaço na história dos amigos. Feito amante, sensato, escolho o santo, a promessa e a pessoa em quem verter meus desejos achados e pedidos.

SAIDAS

Quando me faltam as lembranças, olho o lugar vazio, guardo nas rugas a marca que me resgata o conteúdo. Ao acaso, esquecido das penas e calculando quantas dores tolero, espero um pouco mais, sempre menos do que preciso, sabedor da diferença da dor e do prazer em meio a tantas urgências. Disfarçado minto que nada me acontecerá, embora trema sempre com o velho medo.



DOZE SÉCULOS

Tropeço com grandes dificuldades para trasladar minha confiança da infância à maturidade. Sempre me parece estranho substituir os aqueles que foram meu norte. Do excesso de zelo herdei o paladar e a convivência, sempre quero encaminhar meus modelos para uma realidade endividada, atraí inúmeros descréditos acompanhados de ideias de que eu era tonto, tolo, enganado, iludido, sonhador. Passado pela

única peneira dos juízos exagerados retrocedo ante tais descortesias. Disfarço de uma forma obrigatória e calo as verdades para não mentir. Não posso perder substância nem substituir o que acredito. Uma mórbida crítica insiste em fazer-me desistir dos meus sonhos. Aprendi que o primeiro a fazer é preocupar-me com as próprias deficiências deixando as dos demais para que eles as cuidassem. Com esse pensamento tropeço em muitos que acreditam que amar significa ocupar-se dos problemas negligenciados dos outros. Ainda que isto possa ser um modelo de dedicação, detido na reflexão, descubro por prudência ser esta uma temeridade a se evitar. Sempre e quando me solicitam para essa missão, delicadamente renuncio para não me condenar ao fracasso, não quero ser aquele que se ocupa de cuidar dos descuidos de quem insiste em não se cuidar. Nesses lugares inacessíveis da intimidade, guardam-se as dores que não são para serem curadas.

DIZER NÃO

Uma grande aspiração ficou gravada como uma invenção impossível, descartada. Daqui por diante, ainda que fragmentada, ela transporta um notável desvendamento do que a fidelidade é capaz de promover. Alarga a crença que tenho na vida, apoia a ousadia, dá-me o direito de dizer não, exila o desalento, dá voz a minha crítica emudecida, estende a duração da minha paciência.

Dizer-me não é uma vitória sobre a tentação, dá sentido ao presente que me serve de veículo, reescreve o tempo que me encaminha para o futuro. Dizer-me não interrompe benefícios imediatos, ensina-me o ritual da espera, inclui mistério às banalidades do sim, remove a rotina.

Introduzo o não como referência, inicio a diferença, fertilizo o sim me dando novo sentido como o de ultrapassar as armadilhas que nele se escondem dissimuladas.

A CHUVA POR TESTEMUNHA

Amanhece. Um dia chuvoso e eu feliz, parecendo contrariar o tempo pesado que insiste em me encharcar. Em silêncio, passo a passo, avanço escutando o habituado encontro da chuva com o chão, tal como discretos amantes. Uma inspiração genuína aparece como carta de apresentação, evita-me o anonimato. Embora tenha o que cuidar e o que fazer, não posso deixar de considerar fundamentais minhas próximas horas ao ocupar-me de tantas coisas: confirmar o fim abstrato da esperança, reafirmar atualidade a um amor acabado há 15 anos, insuspeitar da justiça que atrasa 25 anos um veredito, burlar o fisco que extorque, oficializar um contrabando de esfomeados estrangeiros, encontrar 1.000 pais adotantes para 1.000 crianças depositadas por aí, e esquecidas, inventar origem e destino para aqueles que a vida ainda não pediu provas de existência, atrasar a morte em 12 jovens imprudentes, enlouquecidos que festejam e anunciam atos que precipitam seu fim, dar um intervalo em algum afogamento e amparo em algumas quedas, inventar a saúde como obrigatória em todos hospitais. Segue o dia chuvoso, tantos raios levam-me a pensar

que eles podem cair duas ou mais vezes no mesmo lugar. Recursos inoperantes mantêm o guarda-chuva preto e quieto, todo molhado, a confirmar que chove dentro e fora dele. Aceito a chuva como solidária testemunha da paz que me envolve.



A FUGA DA VONTADE

Minha vontade ganhou independência, fugiu de casa, se escondeu. Não me avisou que ia partir, desceu a rua, dobrou a esquina e desapareceu. Depois que fiquei sem minha vontade, ficou mais difícil sair da cama, trabalhar, tolerar os gritos que furam meus ouvidos, conviver com os que temem pessoas, os que evitam escutar, os que fingem não ver a carga da minha mochila, o peso do níquel no bolso e a dor da última queda. Meu joelho esfolado testemunha a inabilidade que me invadiu desde que a minha vontade desapareceu. Qualquer pista, avisem-me, sua saída intempestiva foi uma grande perda para mim. Fiquei imprestável sem

a vontade de qualquer coisa que não sei fazer sem a vontade por perto. Embora a use sempre, não sabia que sua ausência me atrapalharia tanto fazer essas coisas simples que não consigo fazer sem ela. Não posso gritar sem a vontade de gritar, não posso chorar sem a vontade de chorar, não posso pedir para ela voltar sem a vontade de pedir.

Por causa de tantas faltas de vontade, fiquei sem som, sem gosto, sem rumo, sem véspera, sem portas para entrar .



O QUE ME INVADE

Ando entre o triste e o curioso, é que um amor me invadiu quando eu menos esperava, lentamente me faz voar em varias direções, tendo medo de nunca me encontrar nessa terra conhecida que, de tanto tentar fazê-la minha, tornou-se uma aventura perdida.

Estive em mau estado, ouvi os rumores, contabilizei os passos esperando que fossem de algum mensageiro

atravessando o pior para trazer-me novidades. Não sei bem o que esperar, uma involuntária impaciência me tira a paz, roubando-me a quietude. Em silêncio, por momentos posso ouvir todos os gemidos. Tudo se move em torno do momento em que pressinto o adeus.



INVENÇÕES

Olho atrevido quando invento agrados, expresse-me sempre que surge a inspiração, sei fazer quando tenho vontade. Ouço com apetite, rascunho peles, apago rancores, mágoas, cicatrizes. Divido; quando necessário, faço de tudo, odeio com ânimo sou de me vingar, blasfemo, ofendo, minto. Finjo-me de voluntário, corro como água da fonte, sou camaleão escondido detrás das cores. Sou ar, fogo, guardo as cartas marcadas, invento histórias, seco lágrimas, dou colo, prometo tudo.

Invento fórmulas para ficar só como um devoto, faço-me passar por alguém que sabe exatamente o

que deseja. Quando se trata de viver, mudo de tema. Deixo o amor sob custódia até que a razão o expulse e o faça desaparecer. Mostro o excesso. Oferto uma espontaneidade programada, tiro o sabor e o gosto de cada ato que, cooptado por rituais, se automatiza. Depois disso tudo, minha alma se esvazia, busca uma sombra para ficar só.



TENTATIVA

Agonia, quero que te acalmes e faças desse meu sentir um momento em que uma nova luz declare uma esperança. Espero que não me convides, renuncio, não quero tua companhia. Deixa-me aproximar-me da vida com menos rancor. Saiba que dói o vazio, que nada sabe de rumos, mistura os destinos, grita com o silêncio, sacode a paz. Chora quando era para rir, perde o rumo com o norte na mão, No entanto, tento fazer chegar até a próxima primavera aquilo que inventei para colorir a melancolia. Não sei se me alcançará o futuro, o tempo mal comportado nem sempre segue dando as cartas. Espero que o jogo chegue até o final.

INCAUTA CRIANÇA

De que vale queixar-me, se a aprazível fantasia que tanto contribuiu para construir minha alegria foi apenas mais uma irreverência, um quase disfarçado sofrimento ocupando um lugar que foi meu quando eu ainda era uma incauta criança. Foi quando perdi ou guardei a inocência, onde não sei. Desapareceu, assim como todos aqueles que, magicamente, transformavam em possíveis todos os impossíveis.

Tento, mas não consigo demitir essa vontade de voltar, aceitar-me criança, dando à maior das dores o tamanho do medo maior, quase igual ao medo infantil que tanto me atormentou por temer ficar sem pai e mãe. Uma ameaça a todo humano condenado ao abandono solitário e cruel.



Roberto Curi Hallal

